

GRAMMATICA HVMANISTICA
SERIE ESTUDIOS. 3

LA EMBRIAGUEZ EN LA SOCIEDAD DEL RENACIMIENTO

DE LOS TEXTOS MÉDICOS
A LOS TEXTOS ESCOLARES

Edición
de
GREGORIO RODRÍGUEZ HERRERA

LA EMBRIAGUEZ EN LA SOCIEDAD DEL RENACIMIENTO:
DE LOS TEXTOS MÉDICOS A LOS TEXTOS ESCOLARES

GRAMMATICA HVMANISTICA

SERIE ESTUDIOS. 3

**LA EMBRIAGUEZ EN LA SOCIEDAD
DEL RENACIMIENTO:
DE LOS TEXTOS MÉDICOS
A LOS TEXTOS ESCOLARES**

Edición
de
GREGORIO RODRÍGUEZ HERRERA



Cáceres
2024

Cualquier forma de reproducción, distribución, comunicación pública o transformación de esta obra solo puede ser realizada con la autorización de sus titulares, salvo excepción prevista por la ley. Diríjase a CEDRO (Centro Español de Derechos Reprográficos, www.cedro.org) si necesita fotocopiar o escanear algún fragmento de esta obra.



Fondo Europeo de Desarrollo Regional
Una manera de hacer Europa

GRAMMÁTICA HUMANÍSTICA

es una colección dirigida por Eustaquio Sánchez Salor.

COMITÉ CIENTÍFICO

Bernard Colombat. Université Paris Diderot y Laboratoire de Histoire des Théories Linguistiques.

Juan Gil Fernández. Universidad de Sevilla. Académico de la RAE.

Juan M.^a Gómez Gómez. Universidad de Extremadura.

M.^a Luisa Harto Trujillo. Universidad de Extremadura.

José M.^a Maestre Maestre. Universidad de Cádiz.

Manuel Mañas Núñez. Universidad de Extremadura.

Rogelio Ponce de León Romeo. Universidad de Oporto.

Eustaquio Sánchez Salor. Universidad de Extremadura.

Otto Zwartjes. Université Paris Cité y Université Sorbonne Nouvelle.

La publicación de esta obra ha sido posible gracias a los siguientes organismos:

- Universidad de Extremadura, a través de su Servicio de Publicaciones y del Dpto. de Ciencias de la Antigüedad.
- Instituto de Estudios Humanísticos.
- Instituto Universitario de Lingüística y Lenguas Aplicadas (LINGLAP).
- FEDER (Fondo Europeo de Desarrollo Regional) y Junta de Extremadura (Consejería de Economía, Ciencia y Agenda Digital) han financiado esta obra mediante la ayuda GR21005.

© Los autores, para esta edición

© Gregorio Rodríguez Herrera (ed.), para esta edición

© Universidad de Extremadura, para esta edición

Editan:

Universidad de Extremadura. Servicio de Publicaciones

Plaza de Caldereros, 2. 10071 Cáceres (España)

Tel. 927 257 041 ; Fax 927 257 046

publicac@unex.es

<https://publicacuex.unex.es>

Instituto de Estudios Humanísticos

C/ Mayor, 13-15. 44600 Alcañiz (Teruel)

Tel. 978 870 565 – Ex. 234

ieh@alcaniz.es

<http://www.estudioshumanisticos.org/presentacion.htm>

I.S.S.N.: 1699-6860

I.S.B.N.: 978-84-9127-278-6 (edición impresa)

I.S.B.N.: 978-84-9127-279-3 (edición digital)

Depósito Legal: CC-167-2024

Impreso en España - *Printed in Spain*

Impresión: Dosgraphic, s. L.

ÍNDICE GENERAL

Introducción.....	1
<i>Gregorio Rodríguez Herrera</i>	
El alcoholismo en la medicina renacentista: concepto y fuentes grecolatinas.....	5
<i>M.ª Victoria Domínguez Rodríguez</i>	
Os usos do vinho nos tratados de ginecologia do Renascimento.....	23
<i>Cristina Santos Pinheiro y Joaquim Pinheiro</i>	
<i>Πότος (potus)</i> en los florilegios del siglo XVI: poetas y filósofos griegos como <i>auctoritates</i> médicas.....	39
<i>Jesús Alexis Moreno García</i>	
<i>Ebrietas</i> en los florilegios latinos del siglo XVI: los poetas latinos como <i>auctoritates</i> médicas.....	63
<i>M.ª Elena Curbelo Tavío</i>	
Perjuicios y bondades de la bebida en los ejemplos de los comentaristas a los <i>Progymnasmata</i> de Aftonio	87
<i>Gregorio Rodríguez Herrera</i>	

OS USOS DO VINHO NOS TRATADOS DE GINECOLOGIA DO RENASCIMENTO

Cristina Santos Pinheiro

Centro de Estudos Clássicos – Universidade de Lisboa
<https://orcid.org/0000-0001-5223-0519>

Joaquim Pinheiro

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – Universidade de Coimbra
<https://orcid.org/0000-0002-5425-9865>

I

As ambiguidades do vinho são um tópico reconhecido nos textos antigos em que se referem os seus usos terapêuticos. Já na *História natural* (23.31), Plínio exprimia em antíteses estas ambiguidades: é difícil dizer se o vinho é benéfico ou prejudicial, –dizia– e se, «uma vez bebido, se torna um auxílio ou um veneno»¹². Em contexto médico, contudo, parecem exaltar-se com mais frequência as suas virtudes do que os danos que causa. Amato Lusitano, séculos mais tarde, na *enarratio* 7 do livro 5 do seu comentário ao *De Materia medica* de Dioscórides, *enarratio* traduzida e analisada por Reis (2015), começava por dizer que o vinho «por toda a parte encontra os seus louvores». Já na primeira *enarratio* desse mesmo livro, sobre a videira, Amato escrevia que das uvas por ela produzidas se prepara *diuinus ille liquor, uinum dictum* («aquele divino líquido, chamado vinho») ¹³.

O consumo e a apreciação do vinho têm uma tradição cultural e social antiquíssima e complexa que, de modo nenhum, pretendemos aqui analisar¹⁴. Propomos, antes, uma reflexão acerca das referências ao uso do vinho em alguns tratados de ginecologia dos séculos XVI e XVII e, em especial, na obra de Rodrigo de Castro Lusitano, médico de origem sefardita, nascido em Lisboa em meados do século XVI e que nos deixou aquele que é o primeiro tratado de ginecologia escrito por um autor

¹² *Neque est ulla pars difficilius tractatu aut numerosior, cum sit arduum dictu, pluribus prosit an noceat. praeterea quam ancipiti euentu potum statim auxilium fit aut uenenum!* «e não há nenhuma parte mais difícil de tratar, nem mais variada, uma vez que é difícil dizer se é para mais pessoas benéfico ou prejudicial; além disso, o quão incerto é que, uma vez bebido, se torna um auxílio ou um veneno!». Quando não indicado de outro modo, as traduções são da nossa autoria.

¹³ Edição do texto latino e tradução em Reis (2015: 468, 473). A ambiguidade do vinho aparece-nos também na *Farmacopeia Tubalense*, onde se lê que as virtudes do vinho «saõ admiraveis em provocar a digestão dos alimentos, confortar, e alegrar o coração, e outros muitos efeitos, que produz a quem o bebe com moderação; e pelo contrario, aos que o bebem em demasia lhes causa Hydropesias, Apoplexias, Parlesias, Lethargos, e outras muitas enfermidades perigosas.» (382-383).

¹⁴ Sobre este assunto, veja-se, por exemplo, Fehér *et al.* (2007) e Varriano (2010, esp. 101ss).

português. Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1603, em Hamburgo, onde o autor viveu pelo menos desde o início da década de 1590 até à sua morte, e teve sucessivas edições¹⁵. *A medicina completa das mulheres* é um repositório importante da doutrina médica sobre as condições femininas e sobre patologia ginecológica. Os dois tomos em que a obra se divide versam temáticas diferentes: o primeiro aborda o que acontece em conformidade com a natureza, o segundo o que é contrário à natureza¹⁶. Centramos este estudo principalmente no segundo tomo, onde se encontra a maioria das referências ao vinho e à sua utilização no tratamento das doenças das mulheres. Servimo-nos também de outras obras de ginecologia, como algumas que foram incluídas nos *Gynaeciorum libri*, um compêndio de ginecologia publicado três vezes sucessivas no século XVI, em 1566, em 1586-1588 e em 1597. Destas, usámos principalmente os tratados de Martin Akakia (1539-1588), Girolamo Mercuriale (1530-1606) e de Luís Mercado (1525-1611), e o comentário ao livro 1.º do tratado hipocrático *As doenças das mulheres*, da autoria de Maurice de la Corde (séc. XVI)¹⁷. Recorreremos também ao pequeno tratado de ginecologia de Zacuto Lusitano (1575-1642), publicado em 1642, em edição autónoma, como o livro 9.º de *Praxis historiarum* e como o livro 3.º da mesma obra no tomo II dos *Opera omnia* de 1649¹⁸.

A base doutrinária que serve de fundamentação às indicações terapêuticas do vinho remonta aos autores antigos, nomeadamente a Hipócrates e a Galeno, mas também a Dioscórides e ao seu tratado *A matéria médica*. Estas eram, de facto, as referências que se configuravam como autoridades para Rodrigo de Castro e para os seus contemporâneos. Jouanna (2012) analisa a importância do vinho na medicina antiga notando como na cultura grega o seu uso, especialmente quando em excesso, era entendido como causa de problemas e de doenças, mas, o que Jouanna considera como «most unexpected», o vinho era também considerado como (traduzo as palavras do próprio autor) «um agente terapêutico não apenas para a mente, mas

¹⁵ Além deste tratado, Castro publicou ainda um tratado sobre a peste de Hamburgo (Castro, 1596) e um tratado de ética médica (Castro, 1614), traduzidos respectivamente por Mota *et al.* (2021) e Dias (2011). Para a vida e a obra de Castro, vejam-se Pinheiro (2017; *Id.* 2021) e a introdução em Pinheiro & Mota (2022^a). O tratado de ginecologia foi publicado em 1617, 1628, 1644, 1662 e 1689.

¹⁶ Esta divisão, que tem como resultado, uma separação entre matéria teórica e matéria prática, é, segundo o autor, a grande inovação da obra. Veja-se, sobre isto, Pinheiro (2022).

¹⁷ Parece haver algumas divergências na identificação de Martin Akakia, autor do tratado sobre medicina das mulheres publicado na última edição dos *Gynaeciorum libri*. Este era, de facto, o nome de dois médicos franceses, pai e filho. De acordo com Bayle (1697: 154-155), o autor do tratado *De morbis muliebribus (As doenças mulheris)*, foi o filho, professor de Cirurgia em Paris, falecido em 1588, e não o pai. Sobre Luís Mercado, professor de Medicina na Universidade de Valladolid, veja-se Blanco Pérez (1999: 55-70, 120-132) e Rojo Vega (2011). As informações sobre Maurice de la Corde são, também, escassas. Segundo Lonie (1985: 157, 164) foi discípulo de Louis Duret e o primeiro a utilizar o termo hipocratismo como um ideal da Medicina.

¹⁸ Zacuto (1642; *Id.* 1649: 447-520). Lê-se no frontispício da edição de 1642: *Praxis historiarum liber nonus in quo curatio muliebrium morborum ubertim expenditur. Opus accuratissimum, curationem feminarum, uirginum, grauidarum, puerperarum, nutricum, infantium graphice explanans, arduis quaestionibus et obseruationibus illustratum (...)*. «Livro 9.º de Praxis de histórias, no qual se explora pormenorizadamente o tratamento das doenças mulheris. Obra acuradíssima que explica diligentemente o tratamento das mulheres, das virgens, das grávidas, das puérperas, das amas-de-leite, das crianças, elucidada com questões e observações difíceis (...)». Sobre Zacuto, veja-se Lemos (1909) e Carvalho (2023).

também para o corpo» (Jouanna, 2012: 173). Era, por este motivo, recomendado nas prescrições médicas, tanto a nível interno, quanto externo. No âmbito da medicina renascentista, o vinho foi objecto de estudo em tratados especializados, o que demonstra o interesse que suscitava. Era um ingrediente extremamente frequente, ora tomado *per se*, enquanto agente terapêutico principal, ora utilizado em conjunto com outras substâncias. Amato Lusitano analisa num escólio à cura 1.28 na sua obra *Centúria de curas medicinas* a controversa questão da ingestão do vinho nas febres. O escólio, analisado por González Manjarrés (2017), apresenta-nos uma súmula das informações, por vezes contraditórias, transmitidas pelas autoridades antigas que se dedicaram a esta questão, e, em contraponto, a opinião de Amato, que permitiu que um dos seus pacientes mantivesse o uso do vinho durante todo o tratamento. Para Amato, como para os autores antigos, as propriedades terapêuticas dos vinhos diferiam de acordo com as características de cada um (cor, sabor, odor, idade, origem, etc.). Mantinha-se, porém, como opinião comumente aceite que o vinho era uma substância quente e que, por esta razão, se devia evitar nas afecções quentes, como era o caso do que se entendia como febres¹⁹. Nem todos os vinhos, contudo, tinham as mesmas propriedades e o vinho branco, definido como aguado e ténue, era recomendado mesmo nesta situação.

O princípio de que uma doença se cura com matérias que lhe são opostas –*contraria contrariis curentur*– servia também de orientação geral na utilização do vinho nas doenças do foro ginecológico. Do mesmo modo, os textos apresentam com muita frequência algumas hesitações relativas ao uso desta bebida. Coexistem, assim, também nos textos médicos sobre as doenças das mulheres, a valorização do vinho e o reconhecimento de que, em algumas situações, o seu consumo, especialmente se excessivo, pode ser prejudicial. Quando, no capítulo 4 do livro 3 da primeira parte, capítulo com o título «Para quem, em que altura, em que idade e com que temperamento o coito é conveniente ou nocivo», Rodrigo de Castro analisa os benefícios e os danos que podem advir do excesso de relações sexuais, compara a abstinência e o excesso ao consumo de água e de vinho: o vinho, como o sexo, não é necessariamente salutar ou patológico, mas é o uso que se faz de um e do outro que determina que seja benéfico ou danoso para a existência humana. Lemos:

qua ratione ad uitam praeferimus uinum aquae, sed quia plus in uino peccatur, pluribus uinum quam aqua obfuit. (Castro, 1617a: 116)

«Por esta razão, para a vida, preferimos o vinho à água; mas, porque mais se peca por causa do vinho, a mais pessoas acabou por ser prejudicial o vinho do que a água.» (Pinheiro & Mota, 2022a: 371).

No que diz respeito às mulheres, a sua constituição fria e húmida implicava algumas considerações relativas ao uso do vinho. Castro identifica-o também como um produto quente, já que afirma que não deve ser consumido por crianças e jovens, pois isso significaria «juntar fogo ao fogo»²⁰. Parte-se, com efeito, do entendimento

¹⁹ Sobre esta matéria, consultem-se os estudos de Lonie (1981) e de Ventura (2009-2010).

²⁰ Lê-se em 1.4.13: *Vini etiam usus per totam pueritiam et adolescentiam interdicendus, nam ut Plato et Galenus praecipiant, praeterquam quod sit ignem addere igni, caput etiam halitibus replet.* «Também o uso de vinho deve ser proibido durante toda a puerícia e a adolescência, pois, tal como

de que as idades da vida humana evoluem de um estado quente e húmido para um estado frio e seco, e é por esta razão que o consumo de vinho é mais aconselhado nas pessoas com mais idade do que nas mais jovens. Com base no princípio já enunciado de que uma doença se cura com o seu contrário, o vinho, quente e húmido, seria mais indicado para as pessoas idosas que eram consideradas frias e secas. Martin Akakia, no seu tratado *As doenças mulheris*, afirma categoricamente que «o vinho aquece o corpo todo e move-se rapidamente para todas as partes e ainda torna todos os humores bons»²¹.

É, no entanto, necessário, como já se disse, ter em atenção as propriedades dos diferentes tipos de vinho, já que não eram usados de forma indistinta. Devemos a Galeno o que foi, durante séculos, o padrão de diferenciação dos vinhos e que se baseava em cinco factores, como vemos nos *Comentários a Regime nas doenças agudas de Hipócrates*, logo no início do livro 3: cor (branco, negro, fulvo, amarelo, tinto), gosto (doce, austero, acre), consistência (aguado, ténue, crasso), odor (de bom odor, de mau odor, sem odor), faculdade (robusto, fraco). Esta classificação é uma adaptação do modelo hipocrático, que Galeno considerava insuficiente. Em todas as categorias Galeno vai repetindo, no entanto, a noção de que há vinhos com características intermédias²².

Uma análise da identificação dos vinhos em Castro mostra-nos um padrão muito semelhante. Classifica-o também com termos relativos à cor (branco, rubro, negro, fulvo e rosado)²³, à consistência (ténue, crasso, aquoso)²⁴, ao odor (odorífero ou aromático)²⁵; à idade (recente, de meia-idade, velho)²⁶, ao gosto (austero, doce)²⁷ ou a outros qualificativos como «mais forte» (*fortius*), «generoso» (*generosum*), «quente» (*calidum*), «translúcido» (*pellucidum*), «depurado» (*defaecatum*) ou «fecu-

preceituum Platão e Galeno, isso, além de ser o mesmo que acrescentar fogo ao fogo, também enche a cabeça de hálitos.» (Pinheiro & Mota 2022: 658-659). Sobre o equilíbrio entre o consumo de vinho e a constituição da pessoa que o consome, a comida com que o acompanha, a estação do ano e a zona geográfica em que é consumido, veja-se Grieco (2009: 27ss). Sobre o consumo de vinho por crianças e jovens, vejam-se as considerações de Zacuto acerca de um caso registado por Galeno de um jovem que morreu devido ao consumo excessivo de vinho puro, em Zacuto (1649: 687-688). Cf. Galeno, *Os locais afectados*, 2.5 (8K.132-135). Iohannes Baptista Silvaticus analisa a mesma história (Silvaticus, 1605: 275-277).

²¹ Esta afirmação segue a indicação da ingestão de vinho puro misturado numa quantidade igual de água no tratamento dos mênstruos pituitosos. (...) *uino utendum meraciore et parciore, cui affusa sit par aquae copia, ut partim quiddam pellat et euacuet portionem aliquam materiae molestae et infestantes, partim autem ut quod reliquum est, temperet, calefacit enim uinum corpus totum, citoque mouetur in omnes partes, praeterea omnes humores bonos reddit*. Akakia in *Gynaeciorum* 1597: 756. «(...) deve usar-se vinho mais puro e em pouca quantidade, ao qual se juntou igual quantidade de água, para que, por um lado, expulse algo e evacue alguma porção da matéria molesta e infestante; mas para que, por outro lado, tempere o que ficou, pois o vinho aquece o corpo todo e move-se rapidamente para todas as partes e ainda torna todos os humores bons».

²² *Comentários a Regime nas doenças agudas de Hipócrates* 3.1 (15.626ss. K).

²³ Os termos latinos são respectivamente: *album, rubrum, nigrum, fuluum* e *rubellum*.

²⁴ Corresponde aos vocábulos latinos *tenue, crassum, aquosum*.

²⁵ Os termos usados para identificar o odor referem todos o bom odor do vinho: *odoratum, odoriferum, aromaticum*. Não se encontrou em Castro nenhuma utilização de um vinho de mau odor ou de um vinho inodoro.

²⁶ Castro identifica a idade do vinho com os termos *recens, aetate medium, uetus*.

²⁷ Em latim, *austerus* e *dulcis*.

lento» (*faeculentum*). Pode ainda ser usado puro (*meracum, meracius*), ou diluído (*dilutum*). A proveniência dos vinhos é obviamente consentânea com a realidade do médico português. Castro indica especificamente o vinho hispânico, o itálico, o renano, e ainda o malvasia, o crético e o moscatel²⁸. A prescrição destes vinhos não é aleatória: parece corresponder às bases estabelecidas na medicina antiga. Assim, refere-se o vinho branco, por vezes também classificado como aquoso e como ténue. Outras vezes, referem-se apenas cada uma destas características isoladamente. O vinho branco é em geral prescrito como parte de um regime humectante e refrigerante. Este vinho, cujas propriedades são descritas no escólio referido de Amato e analisadas por González Manjarrés, era considerado frio, aquoso e pouco ou nada nutritivo²⁹. Na obra de Castro, é indicado no tratamento da supressão menstrual como parte de um regime ténue, atenuante ou aperiente, quando a doença tem como causa um sangue pituitoso, crasso e viscoso, que obstrui as vias e debilita a faculdade expulsiva necessária para expelir o sangue menstrual:

[P]rimo uictu tenui attenuante et aperiente, ut pane optime fermentato, et condito cimino et aniso, carne auicularum montanarum aut lactantium animalium (...). Exercitium et somnus sint moderata, potus esto uinum album, tenue, aetate medium, aut, si febris adsit, aqua cocta cum cinnamomo, corticibus citri, coriandro uel sasafrasia. (Castro, 1617b: 19).

«[P]rimeiro, com um regime ligeiro, atenuante e com propriedades aperientes, como o pão muito bem fermentado e condimentado com cominho e anis, a carne de aves da montanha ou de animais lactantes (...). Que o exercício e o sono sejam moderados, a bebida seja vinho branco, ténue, de meia-idade, ou, se houver febre, água cozinhada com canela, cascas de cidra, coentro ou sassafrás»³⁰. (Pinheiro & Mota, 2022b: 72-73).

O vinho branco parece ser aqui indicado para contrariar a espessura do sangue que causa o mal. Note-se, porém, que, em caso de febre, o vinho, mesmo este vinho branco e ténue, deve ser substituído.

No tratamento da intemperança quente do útero, prescrevia-se também o consumo de vinho ténue, branco e aguado ou, em alternativa, de cerveja mediana, como parte de um regime que devia humedecer e refrescar, a par de medidas como manter a paciente num local fresco, usar roupas leves de linho, evitar os vinhos fortes e as relações sexuais, etc.³¹. No capítulo sobre o cirro das mamas, indica-se como parte

²⁸ Para uma descrição das qualidades do vinho com base no texto galénico, veja-se a *quaestio* xxiii do livro 4.º de *Medicorum principum historiae* de Zacuto (1649: 689-691).

²⁹ Amato descreve assim este vinho que é precisamente aquele que, na sua opinião, deve ser permitido aos febricitantes: *si uinum febrientibus dandum sit, hoc potissimum dandum esse, quod colore sit album, substantia aquosum, tenue, nullam ferens aquam et exiguum corpori alimentum praebens*. «Se deve ser dado vinho aos febris, é principalmente este o que deve ser dado: o que é branco de cor, de substância aquoso, ténue, não tolerando nenhuma água e providenciando muito pouco alimento ao corpo».

³⁰ A advertência relativa à febre parece indicar que, ao contrário de Amato e de alguns contemporâneos, Castro não aprovava o uso de vinho nas condições febris.

³¹ *primo uictu frigefacienti, ac humectanti, ita constituatur patiens in loco natura frigido, aut arte, flabellis, herbis, floribus, et irrigationibus alterato; uestes insuper linteamina (...) labor, ira, uigilia, uina fortia et aromata uitanda, subinde ardor solis, longa sitis, alimenta, quae calefaciunt, Venus*.

de um regime extenuante e humectante o consumo de vinho de substância ténue, mas recomenda-se a abstinência total de vinho tinto e feculento. Aqui se percebe, com efeito, como vinhos de natureza diferente podem ter resultados opostos: o branco aguado é recomendado porque torna a matéria pecante mais ténue, enquanto o vinho forte é desaconselhado³². Em contraponto, quando a afecção requeria um tratamento nutritivo e calefaciente, indicava-se o consumo de vinho tinto ou rubro, para usar um adjetivo mais próximo do latim *ruber*, usado por Castro. Assim, nos regimes caracterizados como «de óptimo suco», dá-se preferência a vinhos tintos e a vinhos mais robustos como eram os da Península Ibérica e os da Itália. Dos ibéricos, diz Amato Lusitano, no escólio referido, que são quase todos muito fortes e vinosos³³. O vinho hispânico serve, por esta razão, para robustecer a faculdade formativa da semente³⁴. Para tratar as afecções do estômago que estão relacionadas com patologias uterinas, como o pouco apetite ou o apetite deturpado das grávidas, Castro recomenda um regime de óptimo suco e de substância ténue para prover à dor do estômago, em que a bebida deve ser água de canela, de anis, ou com cascas de cidra ou raiz-da-china, ou, em alternativa, «um pouco de vinho hispânico ou itálico, o qual, neste caso, se prefere ao vinho renano»³⁵. O vinho renano era usado com frequência como alternativa ao vinho branco aguado, que era considerado pouco nutritivo. O fundamento para a prescrição de um determinado tipo de vinho parece residir nas propriedades que lhe eram atribuídas.

Além dos vinhos simples, são ainda referidos vinhos compostos identificados pelas suas propriedades: o vinho adstringente, o vinho estíptico, o vinho purgativo ou purgante, o restritivo. Trata-se de vinhos modificados pela adição de outras substâncias e identificados pelos efeitos que lhe eram atribuídos. O vinho é um ingrediente muito frequente: toma-se tanto simples, apenas como parte de um de-

Cibus. *Sitque potius cibus frigidus ex lactucis, scariolis, borragine, soncho, blito, attripli, portulaca, cucurbita (...). Potus esto aqua hordei, aut uinum, tenue, album, aquosum, uel cereuisia mediocris, aut uinum granatorum.* Castro, 1617b: 264-265. «Em primeiro lugar, [trata-se] com um regime que refresque e humedeça; assim, coloque-se a paciente num lugar fresco por natureza ou alterado por arte, com leques, ervas, flores e irrigações; além do mais, as vestes devem ser de linho (...); devem evitar-se o esforço, a ira, a vigília, os vinhos fortes e os aromas; e, por isso, o calor abrasador do sol, a sede prolongada, os alimentos que aquecem, Vénus. **Alimento.** O alimento deve ser preferentemente frio, à base de alfaces, escariolas, borragem, serralha, bredo, armole, portulaca, abóbora (...) A bebida deve ser água de cevada, ou vinho ténue, branco, aguado, ou cerveja mediana, ou vinho de romã.» (Pinheiro & Mota, 2022b: 686, 687). Outras indicações de vinho branco ou de vinho classificado apenas como ténue, sem indicação de cor, como parte de regime refrigerante e humectante em: 2.2.3 (Pinheiro & Mota, 2022b: 492-495) (tratamento do segundo grau de melancolia, como parte de um regime humectante que atenua e desagrega e impede, portanto, a congestão de humor melancólico, vinho renano ou branco ténue); 2.2.23 (Pinheiro & Mota 2022b: 786, 787) (tratamento do cirro do útero com um regime moderado, húmido e de bom suco, com cerveja mediana, pouco crassa e misturada com plantas ou com vinho ténue ou bem diluído); 2.2.24 (Pinheiro & Mota 2022b: 802, 803) (tratamento do cancro do útero com um regime frio e húmido, com vinho branco ténue).

³² Pode ver-se a mesma ambivalência no capítulo sobre a intemperança seca do útero: recomenda-se a ingestão de vinho ténue aquoso ou de cerveja muito nutritiva, mas interdita-se o consumo de vinho generoso muito quente. 2.2.14 (Pinheiro & Mota 2022b: 680, 681).

³³ Amato, *Centúrias de curas medicinais*, 173 (González Manjarrés, 2017: 346-347).

³⁴ 2.4.6, p. 401. Este texto será editado e traduzido no Tomo 3 de *A medicina completa das mulheres*.

³⁵ 2.2.6 (Pinheiro & Mota, 2022b: 582, 583).

terminado regime, introduzido por expressões como «a bebida seja» (*potus esto*), quanto em combinação com outras matérias, sejam plantas ou minerais; serve para macerar, humedecer e dissolver, para ferver e cozer. É aplicado externamente no útero em pedaços de lã, algodão ou tecido nele embebidos, serve para tomar oralmente trociscos e rótulas; é introduzido no útero por meio de seringas; fazem-se dele unguentos, linimentos, fumigações e cataplasmas³⁶.

O uso do vinho suscitava, porém, alguma controvérsia. No tratamento da estrangulação do útero, ou como Castro prefere, da estrangulação com origem no útero, alguns autores prescreviam a ingestão de vinho, outros reprovavam-na. Castro explica porque se deve evitar o vinho e em que situações:

Errant qui illico ab exacerbatione patientibus solent exhibere sacchari pastam cum sandalis, et musco (quam Hispani uocant Alcorsam) aut aliud simile cordiale cum uino: nam uinum uapores gignit, et penetrat, subindeque humores denuo in utero commouet, aut eo deducit, atque ita symptomata recrudescunt, praesertim si odoriferum est, uterum sursum trahit; quocirca iis solum, quibus cum syncope accessio inuadit, si nimium resoluuntur, exhiberi potest. (Castro, 1617b: 165).

«Erram aqueles que logo depois da exacerbação costumam dar às pacientes pasta de açúcar com sândalos e almíscar, a que os Hispanos chamam “alcorsa”, ou outro cordial semelhante com vinho, pois o vinho gera vapores e penetra, e, por isso, move novamente os humores no útero, ou trá-los para ele, e assim recrudescem os sintomas; especialmente, se for odorífero, atrai o útero para cima; por este motivo, só pode ser dado àquelas mulheres em que a acessão ataca juntamente com síncope, se estão demasiado fracas.»

Na etiologia da doença, cruzam-se as duas explicações antigas para este estado mórbido: nos tratados hipocráticos, explicava-se pela deslocação do útero em direcção a outros órgãos, sobre os quais exercia pressão; na obra de Galeno, atribuía-se à retenção e consequente putrefacção do sangue menstrual ou da semente³⁷.

No tratado hipocrático *A natureza da mulher*, indicava-se como tratamento da deslocação do útero em direcção ao fígado que se derramasse vinho muito aromático na boca da paciente³⁸. Avicena, porém, proibia o seu uso, recomendando

³⁶ Alguns exemplos: trociscos de mirra tomados em vinho ou em decocto de sabina e de pimpinela (2.1.4, Pinheiro & Mota, 2022b: 82, 83); plantas infundidas em três libras de vinho (2.1.4, Pinheiro & Mota, 2022b: 100-101); terra lémnia dissolvida em vinho austero (2.2.26, Pinheiro & Mota, 2022b: 828, 829); rótulas tomadas com vinho negro (2.1.5, Pinheiro & Mota, 2022b: 152, 153); emplastro feito de polpa de marmelos e de pêras bravas cozidas em vinho rubro austero (2.1.5, Pinheiro & Mota, 2022b: 158, 159); unguento de plantas várias e vinho branco, cataplasma de óleo, vinho doce e manteiga fresca (2.1.7, Pinheiro & Mota, 2022b: 184, 185).

³⁷ A bibliografia sobre a chamada sufocação histórica é extensa. Veja-se, por exemplo, King (1993) e Mattern (2015).

³⁸ «Se a matriz se deslocou para junto do fígado, a mulher fica subitamente sem voz, cerra os dentes e a sua cor fica lívida. Sofre isto subitamente, mesmo que esteja de boa saúde; esta afecção aparece nas virgens, de forma especial nas de idade avançada, e nas viúvas que perdem os seus maridos quando ainda são jovens e já deram à luz. Quando isto acontece, empurrando com a mão para baixo a partir do fígado, ligar com uma faixa a zona por baixo dos hipocôndrios e, mantendo a boca aberta, derramar vinho do mais aromático e aplicar no nariz e fazer fumigações com maus odores, no útero com odores agradáveis.» Tradução em Pinheiro *et al.* (2022: 71).

água em alternativa³⁹. O assunto era, de facto controverso, e Castro mais não faz do que retomar no escólio depois do capítulo «O estrangulamento com origem no útero» (2.2.1) uma discussão que se lê também noutros autores que comentam precisamente o texto hipocrático a par da interdição de Avicena. Mercado entende que os textos não são contraditórios e que Hipócrates indica o vinho porque na acessão desta doença costuma dar-se também a síncope no cérebro, que causaria langor e coarctação dos espíritos, sintomas que explicariam o recurso a um vinho odorífero. Para Castro, deve entender-se que Hipócrates recomenda o vinho com a finalidade de recuperar as forças da paciente, enquanto Avicena o proíbe porque não se deve aumentar a quantidade de semente e de mênstruo, cuja retenção no útero e consequente putrefacção são a causa principal desta doença⁴⁰. Zacuto Lusitano é mais conciso do que os seus antecessores, mas, como Castro, oscila entre a proibição e a recomendação do vinho nesta doença, conforme o estado de saúde da paciente:

A uino omnino cauendum: nam fere odorum est, et uterum sursum euocat, exagitat corpus, inflammat, uapore suo replet, flatu eleuat. Si tamen syncope, aut nimia adsit uirium resolutio, pauxillum offerendum et hoc modo intelligendus Hippocrates libro De natura muliebri post principium «et apero ore uinum infundito». (Zacuto 1642: 205).

«Deve abster-se completamente do vinho, pois é geralmente odorífero e atrai o útero para cima, agita o corpo, inflama, enche com o seu vapor, eleva os flatos. Se, todavia, houver síncope ou enfraquecimento das forças, deve oferecer-se um pouquinho e é deste modo que se deve entender Hipócrates, no livro *A natureza da mulher*, depois do princípio, “e com a boca aberta infunde vinho”.»

As propriedades aromáticas do vinho são aqui entendidas no contexto do tratamento da doença, tratamento que consistia, desde os textos hipocráticos, na aplicação de odores agradáveis na parte inferior do corpo, para atrair o útero para a sua posição, e de odores fétidos na parte superior para o afastar das partes para as quais se tinha deslocado. Ao aplicar-se vinho odorífero na boca –recorde-se que a doente estaria inconsciente e, por vezes, como morta– o útero seria atraído por esse odor para a parte superior do corpo⁴¹. Só se admitia, como se vê, o seu uso, se fosse necessário para restaurar as forças de uma paciente igualmente afectada por síncope⁴².

No comentário de Maurice de la Corde ao livro 1.º do tratado hipocrático *As doenças das mulheres*, estranha-se especificamente que se indique o consumo de vinho para incentivar a concepção. Lê-se no comentário a διδόναι δὲ οἶνον, φεύγοντα τὸ ἐν αὐτῷ μένος. («dar vinho, evitando a força nele»):

³⁹ O texto de Avicena, citado por Castro, é: *Caue ne ei des in potu uinum, quoniam aqua est ei conuenientior*. «Tem o cuidado de não lhe dares vinho na bebida, porque a água é para ela mais conveniente.» O texto de Avicena lê-se no livro 3, capítulo 19, *fen* 21, tratado 4 em Avicena 1555: 397.

⁴⁰ A crítica de Castro a Mercado parece, aqui, algo despropositada, uma vez que se baseia na referência que Mercado faz à fase da acessão da doença, que, para Castro, é indiferente.

⁴¹ Sobre as propriedades do odor do vinho em Zacuto, veja-se a nota 51.

⁴² Em 2.3.13, Castro define síncope como *praecipies uirium lapsus*, isto é, uma queda precipitada das forças.

διδόναι δὲ τὸν οἶνον] Sed uini usus quorsum nunc meminit Hippocrates? An quia quoquoersum sine noxa uis assumpti uini penetrat, sicque spirituum corporis communionem facit et medicamentorum ad uulnam appositorum (...) φεύγοντα τὸ ἐν αὐτῷ μένος] Vina attamen uehementiora uitari censet oportere, ne cum uinum suapte natura sit maxime hystericum, uterus nimium hinc commotus et incalescens etiam in agendo conturbetur. (De la Corde in *Gynaeciorum* 1597: 705-706).

«dar vinho] Mas para que fim se lembra agora Hipócrates do uso do vinho? Talvez porque a força do vinho que se tomou penetra em qualquer lado sem dano, e assim faz a comunhão dos espíritos do corpo e dos medicamentos aplicados no útero (...) evitando a força nele] Considera, todavia, que se devem evitar os vinhos muito veementes, para que, como por sua própria natureza o vinho é muitíssimo histérico, o útero, demasiado agitado e aquecendo-se, não seja também perturbado na acção».

Já se assinalou antes a capacidade que era atribuída ao vinho de penetrar em todas as partes do corpo. De la Corde parece assinalar aqui precisamente essa propriedade que seria coadjuvante da acção dos medicamentos. Faz-se também aqui, todavia, uma ressalva quanto à qualidade do vinho a usar: os vinhos muito fortes devem ser evitados porque aquecem muito e causariam a agitação do útero. O significado do adjectivo *hystericum* aqui levanta algumas dúvidas. Na sua origem grega, designa apenas o que é relativo ou pertence ao útero, mas aqui deve definir o que tem a capacidade de agir sobre o útero⁴³.

No tratamento de algumas doenças, porém, Castro admite que se permita o uso de vinho, mas apenas a mulheres que estão habituadas ao seu consumo. No tratamento do fluxo mulheril recomenda que as mulheres ocidentais bebam água, mas que as setentrionais e as habituadas ao vinho bebam vinho crasso e austero⁴⁴. A atenção aos hábitos das pacientes é de realçar, uma vez que nem sempre o médico parece tê-los em atenção. Em alguns momentos, porém, como veremos, parecem impor-se como uma realidade a que não consegue escapar.

II

Veamos agora a importância concedida pelos autores em análise ao consumo do vinho em três momentos cruciais: na concepção, na gravidez e no puerpério. O vinho é considerado benéfico para os casais que desejam ter filhos e faz, portanto,

⁴³ Uma das designações para o útero, em língua grega, era *hystera*, de onde *hysterikos*. Sobre o significado desta palavra e a sua história na medicina (King 1993; King 1998: 205ss).

⁴⁴ *Potus esto pro occidentalibus aqua, in qua ferrum uel ignitum aurum saepius fuerit extinctum additis praedictis succis. Pro uino assuetis, et septentrionalibus uinum crassum, et austereum* (Castro, 1617b: 91). «Para as ocidentais, que a bebida seja água na qual se tenha apagado muitas vezes o ferro ou o ouro fundido, acrescentados os ditos sucos. Para as habituadas ao vinho e para as setentrionais, vinho crasso e austero» (Pinheiro & Mota 2022b: 257). Nestas linhas apresenta-se um problema de tradução: no latim, formas como *occidentalibus* ou *assuetis* e *septentrionalibus* podem ser masculinas ou femininas. É, no entanto, pouco provável que se refiram aqui aos homens, uma vez que a indicação do consumo de vinho aparece no contexto do tratamento do fluxo mulheril.

parte integrante do regime que lhes é recomendado. Que o vinho aumenta a semente é ideia repetida por vários autores que, por esta razão, indicam o seu consumo. Castro recomenda no tratamento da esterilidade, quando a semente é demasiado aguada, «alimento crasso e sólido e vinhos fortes»; para robustecer a faculdade formativa e impedir a concepção de seres monstruosos, deve beber-se «vinho hispânico, malvasia, ou aromático, isto é, hipocrático, que os Hispanos chamam *clarea*, os Germânicos *Luttertranck*»⁴⁵.

O reconhecimento de que a ebriedade era nociva na geração aparece já nos autores antigos e encontra ecos vários nos autores em estudo. Castro afirma que a semente daquele que está ébrio é infecunda porque é aguada e não elaborada por concocção (1617a: 41; Pinheiro & Mota, 2022a: 181; 1617b: 359). A ebriedade é também identificada como causa de esterilidade morbosa juntamente com beber água fria, com os banhos em excesso ou a vida sedentária (1617b: 368). Girolamo Mercuriale menciona o texto hipocrático *De superfetatione*, 30, em que se afirma que o homem não deve estar ébrio, nem beber vinho branco, mas vinho muitíssimo forte e puríssimo⁴⁶. Mercuriale parece, porém, entender que estas recomendações se aplicam também às mulheres, já que omite qualquer distinção. Escreve no capítulo 1.2, sobre esterilidade:

Circa cibum et potum non est minor cura gerenda, praesertim circa potum, de quo dicebat Hippocrates fugiendum esse uinum album, potandum autem uinum meracissimum et grossum, quod ego quoque laudo, modo tamen moderate fiat. (Mercuriale in *Gynaeciorum libri* 1597: 216).

«Sobre o alimento e a bebida não se deve ter menor cuidado, especialmente sobre a bebida, da qual dizia Hipócrates que se deve fugir do vinho branco e beber vinho puríssimo e grosso, o que eu também louvo, desde que se faça com moderação.»

Não é indicado, pelo contrário, o uso excessivo de água fria pois causa esterilidade. As mulheres hispanas, diz Mercuriale, «que bebem durante muito tempo neve e águas geladas, costumam ser muito infecundas.» Castro parece corroborar a ideia de Mercuriale, pois afirma, no capítulo sobre o nascimento de crianças aos sete e aos oito meses (1.4.6) que as mulheres da Hispânia são mais débeis e sofrem mais no parto e acrescenta:

⁴⁵ Castro, 1617b: 401. No *Pharmacological Dictionary: A lexicon of pharmaceutical terminology*, apresenta-se Lutterdranck como vinho aromático (Beer, 1876: 60). No *Lexicon Medicum Graeco-Latinum*, lê-se na definição de *claretum*: *est uinum aromatum infusione impregnatum ac cum saccharo dulcoratum, dicitur alias uinum hippocraticum; item uinum medicatum. Sic nominatur, quod per manicam Hippocratis colatur et purificatur. Germanice, Klaret.* «é um vinho impregnado pela infusão de aromas e adoçado com açúcar, diz-se, do outro modo, vinho hipocrático e também vinho medicado. Chama-se assim aquele que é coado e purificado através de uma manga de Hipócrates. Em alemão: Klaret.» (Blancardus, 1683: s.u. «claretum»).

⁴⁶ No texto hipocrático, lê-se: *Ἐρη δὲ ἐαρὶνὴ ἀρίστη κνήσιος· ὁ δὲ ἀνὴρ μὴ μεθυσκέσθω, μηδὲ οἶνον λευκὸν πινέτω, ἀλλ' ὅστις ἰσχυρότατος καὶ ἀκρητέστατος·* «A melhor estação para a concepção é a primavera; que o homem não esteja ébrio, nem beba vinho branco, mas aquele que for o mais forte e o que tiver menos mistura».

(...) quantumcumque calore abundant, qui ad generationem facit, tamen infecundiores sunt, quam septentrionales, cuius rei causam esse puto, quia simul cum calore siccitatem habent coniunctam, quae generationi aduersatur, ac insuper quia mulieres ibi aquam bibunt, quae sterilitatem inducere solet; ob quas quidem causas Hispaniam minus populosam esse reor. (Castro, 1617a: 197).

«(...) independentemente do quanto sejam abundantes em calor, que contribui para a geração, são, todavia, mais infecundas do que as mulheres setentrionais. Penso que a causa deste facto é terem segura associada ao calor, a qual se opõe à geração, e ainda porque as mulheres nessa região bebem água, que costuma causar esterilidade. É certamente por estas razões que penso que a Hispânia é menos populosa»⁴⁷. (Pinheiro & Mota, 2022a: 583).

Esta associação é curiosa, especialmente quando pouco antes Castro tinha citado a opinião de Avicena sobre a notável fertilidade das mulheres hispanas e das egípcias, ideia que parece remontar às fontes antigas⁴⁸. Diz também que as crianças de oito meses sobrevivem nestas regiões devido à robustez materna. Logo de seguida, porém, desmente as informações textuais por meio da experiência que, segundo Castro, prova o contrário: isto é, que as mulheres da Hispânia são menos férteis.

O consumo de vinho por parte das mulheres é, assim, apresentado como uma prática saudável. E mesmo na gravidez, as vantagens do consumo moderado de vinho são uma informação frequente nos textos. Akakia, no capítulo sobre o regime das grávidas (2.3), afirma que devem beber vinho negro, «porque é adstringente e robustece e facilmente se transforma em sangue». (782). Recorde-se que se entendia que o feto era alimentado no útero pelo sangue materno, o qual, ao invés de ser expelido por meio da menstruação, permanecia no útero precisamente para esse fim. No seu capítulo sobre o regime da mulher grávida, Zacuto dá resposta a uma série de *quaestiones* que abordam assuntos controversos relacionados com a gravidez. O capítulo é, na verdade, todo ele, organizado em doze perguntas e nas respostas respectivas. A décima primeira questão é «Se beber vinho é útil às grávidas?» Apoiando a opinião de Avicena, comenta:

(...) nullus enim est status in quo amplius necessariae sint uires et sanitas utilis sit quam in statu grauidationis, qui plurimis morbis et periculis est obnoxius. (Zacuto, 1642: 241).

«(...) pois não há nenhum estado no qual mais sejam necessárias as forças e seja útil a saúde do que no estado da gravidez que é prejudicado por muitíssimas doenças e perigos.»

Para fundamentar a sua adesão à opinião de Avicena, cita longos excertos da obra de autores antigos (Oribásio, Paulo) e medievais (Isaac Judeu, Haly Abbas, Rasis),

⁴⁷ A continuação do texto merece ser registada, já que Castro aduz a prostituição como causa para a pouca fertilidade da população da Hispânia: *adde meretricum numerum, a quibus homines exhausti, et infecundi redduntur, et illa feminarum pars ob semen commixtionem, et crebram coitus agitationem generationi inepta fit*. Castro (1617a: 197) «Acrescenta a quantidade de meretrizes, pelas quais os homens ficam exaustos e infecundos, e aquela parte das mulheres, devido à mistura das sementes e à frequente agitação do coito, torna-se inepta para gerar.» (Pinheiro & Mota 2022a: 583).

⁴⁸ Cf., por exemplo, Aristóteles, *A história dos animais*, 9.4, 584b, e Plínio, *A história natural*, 7.38.

enumerando as muitas propriedades medicinais do vinho: ajuda na digestão, transforma-se fácil e rapidamente em sangue, tem efeito mundificativo nas veias e no fígado, afasta da alma a tristeza, a angústia, os sofrimentos e a dor, é diurético e solutivo, estimula o apetite, etc. Além destes benefícios gerais, tem aplicações específicas na gravidez: torna mais robustas as forças que permitem a retenção do feto no útero⁴⁹; e, usado com moderação, permite que a mulher grávida esteja sempre contente, alegrando-lhe o coração, órgão com o qual o vinho tem grande simpatia⁵⁰. O vinho dissolve os flatos que, devido ao consumo inoportuno de alimentos e aos apetites deteriorados da grávida, se alteram no útero⁵¹. É, assim, muito recomendável que se consuma vinho durante a gravidez, mas não um vinho qualquer. Conclui Zacuto:

Vinum ergo concedendum est grauidis, clarum, subtile, spiritus enim claros ac subtiles generat. Vetus, nouum enim facilius inebriat, plurimos morbos parit, aluum subducit, tormina generat. Maturum, non austerum, siue stipticum, hoc enim 3, acutorum, 8, excretiones omnes cohibet. Moderate sumptum, et ut in summa dicam, illis offerendum uinum aetate medium, clarum, non nulla rubedine participans, satum, sapore aequale, ita ut non sit acre, acutum, fumosum, crassum, subtile nimis, excellenter potens, imbecillum, sed medium, natum in colle aperto, meredem spectante, regione inter caliditatem et frigiditatem temperata. (Zacuto, 1642: 243).

«Deve, portanto, dar-se vinho às grávidas, claro, subtil, pois gera espíritos claros e subtis; velho, pois o novo inebria com mais facilidade, gera muitas doenças, purga o ventre, gera cólicas; maduro, não austero, ou estíptico, pois este, de acordo com *Regime nas doenças agudas*, 3.8, coíbe todas as excreções; tomado moderadamente, e, para o dizer sumariamente, deve ser-lhes dado vinho de idade mediana, claro, sem qualquer rubor, odorífero, com sabor uniforme, de

⁴⁹ *Deinde alimentum quod roborat uires, quarum causa fetus in utero retinetur et conseruatur, grauidis est utile et necessarium* (Zacuto, 1642: 241). «De seguida, um alimento que robustece as forças, por causa das quais o feto é retido e conservado no útero, é necessário e útil às grávidas». Zacuto comprova este benefício do consumo de vinho citando Paulo, Haly Abbas e Rasis.

⁵⁰ *Insuper si grauida in perpetua laetitia et gaudio est continenda, cur non utetur uino sobrie, cum nulla res alia sit ad laetitia producta, ut uinum, cuius maxime proprium est cor hominis laetificare, nec alia quae maiorem sympathiam cum eo habeat (...)*. (Zacuto, 1642: 242). «E ainda, se a grávida deve ser mantida em contínua alegria e gáudio, porque não usará sobriamente o vinho, uma vez que nenhuma outra coisa é produzida para a alegria, como o vinho, do qual é especialmente próprio alegrar o coração humano, e nenhuma outra que tenha maior simpatia com o coração. (...)». Cita aqui *Salmos* 104: 14-15 e *Eclesiástico* 31: 35.

⁵¹ *Ad haec, flatus, qui in utero gerentibus ob uaria intempestiue ingesta cibaria et deprauatos appetitus insolescunt, resoluit, praesertim si sit merum et purum: nam aquae permixtione uini uis frangitur, atque debilitatur, et maxime si sit odorum, quia nullus odor cum odore uini comparandus omnes enim sine ulla dubitatione superat, solus namque uini odor nutrit spiritus: si enim grauidae animi deliquio, aut syncopeprehendatur, eorumque facies uino odorifero irrorretur, praesentissimum ipsae praesidium sentient, quamuis uires a natiuo calore sint destitutae ualde* (Zacuto, 1642: 243). «Além disso, dissolve os flatos que se alteram nas grávidas devido a alimentos consumidos inoportunamente e a apetites deteriorados, especialmente se for puro e não misturado: é que a força do vinho é quebrada e debilitada quando se mistura água, e principalmente se for odorífero, porque nenhum odor se deve comparar ao odor do vinho, já que a todos supera, sem qualquer dúvida; e, na verdade, apenas o odor do vinho nutre verdadeiramente os espíritos, pois se as grávidas forem atacadas por delíquio do ânimo ou por síncope, borribe-se a face delas com vinho odorífero: elas sentirão um auxílio muitíssimo eficaz, ainda que as forças estejam muito destituídas do calor nativo».

modo que não seja acre, agudo, fumoso, crasso, demasiado subtil, muito potente, fraco, mas médio, nascido numa colina descoberta, virada para Sul, numa região temperada entre o calor e o frio.»

Não são, pois, de negligenciar as características do vinho adequado às mulheres grávidas. É incerto, no entanto, como estas indicações seriam efectivamente seguidas. A questão, porém, deve ter sido polémica, uma vez que Zacuto lhe dá tanta atenção e se esforça tanto por descrever, citando as autoridades médicas, os benefícios do consumo moderado de vinho na gravidez. Castro recomenda que as grávidas evitem o vinho puro (*uinum meracum*), mas que a sua bebida seja «vinho branco, mediano, ou diluído em água de anis, ou cerveja purificada»⁵².

Aproximando-se o parto, deve providenciar-se o restabelecimento das forças da grávida com açúcar temperado com aromas, por exemplo com casca de cidra, e infundido com vinho generoso. No parto difícil e laborioso, é mais importante garantir ainda que a mulher tem forças suficientes para aguentar os sofrimentos do parto. A diversidade que podia assumir a ingestão do vinho mostra-se num conjunto de recomendações que parecem ter como finalidade acelerar o parto: tomar um pouco de vinho diluído em água de artemísia ou uma fatia de pão impregnada em vinho hipocrático. Diz também Castro (1617b: 475) que *mirifice prodest* («ajuda de forma maravilhosa») dar muitas vezes trociscos de mirra, de canela e de açafraão em vinho generoso.

Também depois do parto o vinho mantém a sua utilidade terapêutica. É indicado pelo médico para restaurar as forças das mulheres, propriedade, como se viu, muito presente nos textos. Neste sentido, Castro enumera quais devem ser os alimentos a consumir nos primeiros dias depois do nascimento da criança:

(...) femina cibis reficiatur, primo quidem liquidioribus ac tenuissimis, ut uero uires recreentur, illico exhiberi potest purum Hippocraticum, sed modicum, deinde succus amygdalarum dulcium saccharatus aut uitelli ouorum cum uino rhenano, saccharo, cinnamomo, chaudeau Gallicae uocant, si autem uinum sit Hispanum, aqua diluatur; Lusitanae ex panis taleolis, cum ouis, cinnamomo et melle uel saccharo suas concinnant fatias quas etiam reliquas consanguineas et assistentes gustare consuetudo est, quemadmodum in quibusdam Germaniae locis uini mensuras aliquot ea ipsa hora insumere (...). (Castro, 1617b: 449).

«(...) seja a mulher recuperada com alimentos, primeiro mais líquidos e muito ténues; depois, pode ser administrado hipocrático puro, mas em pouca quantidade; de seguida, suco de amêndoas doces açúcarado ou gemas de ovo com vinho renano, açúcar, canela, a que as Gálicas chamam *chaudeau*, mas se o vinho for hispânico, dilua-se em água; as Lusitanas cozinham de fatias de pão com ovos, canela e mel ou açúcar as suas “fatias”, que também é costume que sejam provadas pelas restantes parentes e mulheres presentes, do mesmo modo que em alguns lugares da Germânia [é costume] consumir nessa mesma hora algumas medidas de vinho; (...)».

⁵² *Potus sit uinum album, mediocre, aut dilutum aqua anisi, aut defecata cereuisia* (Castro, 1617b: 442).

O vinho é aqui indicado em diferentes qualidades: primeiro, vinho hipocrático puro, mas apenas um pouco; depois, o doce a que as mulheres francesas chamam *chaudeau* e que tem também como ingrediente vinho, mas vinho renano –se for hispânico, porque é mais forte, deve ser diluído em água; as mulheres alemãs, diz-nos o Autor, que viveu parte da sua vida em Hamburgo, bebem vinho, sem que se especifique que tipo de vinho. Só as mulheres portuguesas recuperam com o que parecem ser as tradicionais fatias douradas ou rabanadas, que partilham com as outras mulheres. O texto mostra-nos, assim, os diferentes costumes das mulheres e, se tivermos em atenção o que faziam as lusitanas, parece que estes eram mesmo uma prática social em que participavam apenas mulheres. Neste âmbito, porém, o médico parece incomodado com estes costumes que considera demasiado complacentes. Lê-se um pouco depois um aviso em que o médico português repete quase verbatim o texto de Luis Mercado, o que mostra bem, primeiro, que era ideia veiculada por outros médicos, depois, que lhe é tão cara que a retoma:

Molestum semper fuit tolerare feminas, quibus enixam moderari curae est, ni enim epulis et uino liberalius indulgeant, nihil boni praestare existimant, habent etiam nescio quas leges et statuta, misericulis uehementer noxia, ipsis uero sacra, quibus neglectis prudens medicus, ea prouidere iubeat, quae necessaria fore iudicauerit. (Castro, 1617b: 449-450).

«Foi sempre molesto tolerar as mulheres que têm a função de cuidar da moderação daquela que deu à luz, pois, a não ser que sejam muito indulgentes em iguarias e vinho, consideram que não providenciam nada de bom. Têm também não sei que leis e estatutos, extremamente nocivos para as pobres mulheres, mas sagrados para elas próprias. Negligenciados estes, ordene o médico previdente que seja providenciado o que julgar que há-de ser necessário.»

O que o texto nos diz sobre a indulgência para com as puérperas parece conjugar uma nota de censura com a complacência que caracteriza o texto de Castro –uma atitude de misericórdia pelas «pobres mulherzinhas» qua abre o prefácio ao leitor e se mantém como uma das justificações da utilidade do tratado. Vemos também aqui, parece-nos, a vontade clara de o médico impor a sua autoridade e, principalmente, a sua moralidade numa área reservada às mulheres em que poucos médicos conseguiriam entrar.

O consumo do vinho tem, como vimos, uma multiplicidade de usos terapêuticos, mas quando essa utilização médica se cruza com a convivência social exclusivamente feminina, recupera as ambivalências assinaladas desde os autores antigos: entre a moderação e a ebriedade, entre o louvor e a censura. Na ginecologia renascentista, apesar dos *caueat* que se repetem, parece manter-se a opinião de Plutarco: o vinho «é a mais útil das bebidas e o mais agradável dos fármacos»⁵³.

⁵³ Em *A preservação da saúde*, 138B, lê-se: *καὶ γὰρ ποτῶν ὀφελιμώτατόν ἐστι καὶ φαρμάκων ἡδίστον καὶ ὄψων ἀσικχότατον (...)* «é que é a mais útil das bebidas e o mais agradável dos fármacos e dos alimentos o que menos sacia (...)».

REFERÊNCIAS

Fontes primárias

- Avicena (1555): *Liber canonis, De medicinis cordialibus et Cantica*. Venetiis: Apud Iuntas.
- Castro, R. de (1596): *Tractatus brevis de natura, et causis pestis, quae hoc anno MDXCVI Hamburgensem ciuitatem affligit*. Hamburgi: Iacobus Lucius Junior.
- Castro, R. de (1614): *Medicus-politicus. Siue de officiis medico-politicis tractatus*. Hamburgi: Ex Bibliopolio Frobeniano.
- Castro, R. de (1617a): *De uniuersa muliebrium morborum medicina (...) pars prima theorica*. Hamburgi: Ex Bibliopolio Frobeniano.
- Castro, R. de (1617b): *De uniuersa muliebrium morborum medicina: pars secunda siue praxis*. Hamburgi: Ex Bibliopolio Frobeniano.
- Gynaeciorum libri* (1597): *Gynaeciorum siue de mulierum tum communibus, tum grauidarum, parientium, et puerperarum affectibus et morbis libri* (ed. Israel Spach). Argentinae: Sumptibus Lazari Zetzneri.
- Zacuto Lusitano (1642): *Praxis historiarum liber nonus in quo curatio muliebrium morborum ubertim expenditur*. Amstelodami: Sumptibus Henrici Laurentii Bibliopolae.
- Zacuto Lusitano (1649): *Operum tomus secundus in quo Praxis historiarum (...) explicatur (...) praemittitur Introitus Medici Ad Praxin (...) Pharmacopoea elegantissima; accessit Praxis medica admiranda (...)*, Lugduni: Sumptibus Ioannis Antonii Huguetan, filii, et Marci Antonii Rauaud.

Etudos

- Bayle, P. (1697): *Dictionnaire historique et critique*. Tome 1^{er}, Rotterdam: Chez Reinier Leers.
- Blanco Pérez, J. I. (1999): *Humanistas médicos em el Renacimiento Vallisoletano*. Burgos: Universidad de Burgos.
- Carvalho, T. Nobre de (2023): «Lusitano, Zacuto». Em *Dicionário Biográfico de Cientistas, Engenheiros e Médicos em Portugal*. Publicação online do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, DOI: <https://doi.org/10.58277/ILWK2773> (acedido em 15 de Abril de 2024).
- Dias, Domingos L. (2011): *Rodrigo de Castro. O médico político ou tratado sobre os deveres médico-políticos*. Lisboa: Edições Colibri. Trad. Domingos Lucas Dias.
- Fehér, J., Lengyel, G. y Lugasi, A. (2007): «The cultural history of wine – theoretical background to wine therapy». *Central European Journal of Medicine*, 2.4, 379-391.
- González Manjarrés, M. Á. (2017): «En el taller de Amato. Un escolio sobre la fiebre y el vino». *Euphrosyne*, 45, 341-352.
- Grieco, A. J. (2009): «Medieval and Renaissance wines: taste, dietary theory, and how to choose the ‘right’ wine (14th-16th centuries)». *Mediaevalia*, 30, 15-42.
- Jouanna, J. (2012): «Wine and medicine in Ancient Greece». Em Philip van der Eijk (ed.), *Greek medicine from Hippocrates to Galen: selected papers by Jacques Jouanna*. Leiden-Boston: Brill, 173-193.

- King, H. (1993): «Once upon a text: the Hippocratic origins of hysteria». Em Gilman, S., Porter, R., Rousseau, G.S. & Showalter, E. (edd.), *Hysteria Beyond Freud*. Berkeley: University of California Press, 3-90.
- King, H. (1998): *Hippocrates' Woman: Reading the Female Body in Ancient Greece*. London and New York: Routledge.
- Lemos, M. (1909): *Zacuto: A sua vida e a sua obra*. Porto: Eduardo Tavares Martins.
- Lonie, I. (1985): «The 'Paris Hippocratics': teaching and research in Paris in the second half of the sixteenth century». In Wear, A., French, R. y Lonie, I.M. (eds.), *The medical Renaissance of the Sixteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 155-174.
- Lonie, I. M. (1981): «Fever pathology in the sixteenth century: tradition and innovation». *Medical History*, 25, suppl. 1, 19-44.
- Mattern, S. P. (2015): «Panic and Culture: Hysterike Pnix in the Ancient Greek World». *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences*, 70.4, 491-515.
- Mota, B. M., Pinheiro, C. S. y Silva, G. A. F. (2021): *Rodrigo de Castro. A peste de Hamburgo: Tratado breve da sua natureza e causas* (introdução, tradução e notas de B. Mota, C. S. Pinheiro y G. A. F. Silva, prólogo de J. Arrizabalaga). Porto: Afrontamento.
- Pinheiro, C. (2017): «The ancient medical texts in the chapters about infertility of Rodrigo de Castro's *De Vniuersa Mulierum Medicina*». In Davis, G. y Loughran, T. (edd.), *The Palgrave Handbook of Infertility in History: Approaches, Contexts and Perspectives*. London: Palgrave MacMillan, 291-310.
- Pinheiro, C. (2022): «Os prefácios do tratado de ginecologia de Rodrigo de Castro Lusitano». In Andrade, A. M. L., Gomes, A. S. y Reis, M. F. (coords.), *Diálogos Luso-Sefarditas*. Aveiro: UA Editora, 2021 (Suplemento n. 6 da revista *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*), 73-106.
- Pinheiro, C. (2021): «Entre cultura e *natura*: o saber médico e as crenças e os costumes relacionados com o parto na obra médica de Rodrigo de Castro Lusitano». In Moniz, A. I., Pinheiro, J., Alcina Sousa, L. C. y Santos Pinheiro, C. (edd.), *Viagem e Cosmopolitismo: da Ilha ao Mundo*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2021, 111-131.
- Pinheiro, C. S. y Mota, B. M. (2022a) (edd.): *Rodrigo de Castro: A medicina completa das mulheres*. Tomo 1. Porto: Afrontamento.
- Pinheiro, C. S. y Mota, B. M. (2022b) (edd.): *Rodrigo de Castro: A medicina completa das mulheres*. Tomo 2. Porto: Afrontamento.
- Pinheiro, C. S., Pinheiro, J., Silva, G. A. F. y Fonseca, R. C. (2022): *Gynaikeia: Colectânea de textos antigos de ginecologia*. Vila Nova de Famalicão: Editora Húmus.
- Reis, T. (2015): «O vinho e os vinhos – usos e virtudes de um dom dos deuses nas *Enarrationes* de Amato Lusitano». In Andrade, A. M. L., de M. Mora, C. y Torrão, J. N. (coords.), *Humanismo e Ciência: Antiguidade e Renascimento*. Aveiro-Coimbra-São Paulo: UA Editora-Universidade de Aveiro-Imprensa da Universidade de Coimbra-Annablume, 467-479.
- Royo Vega, A. (2011): *Ludovicus Mercatus: Luis de Mercado, protomédico general de las Españas*. Valladolid: Universidad y Ayuntamiento de Valladolid.
- Varriano, J. (2010): *Wine: A cultural history*. London: Reaktion Books.
- Ventura, I. (2009-2010): «Theory and Practice in Amatus Lusitanus's *Curationum medicinalium Centuria*: The Case of Fevers». *Korot*, 20, 139-179.